

História, Arqueologia e Folclore

Daniel Bertrand - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Lendo o título do trabalho muitas pessoas vão se perguntar. Que relação existe entre essas ciências? Para se entender a relação entre essas três ciências, devemos compreender o campo de estudo de cada uma e qual a relação existente entre elas.

Um dos campos pouco estudados na história é o da Pré-história¹. Como chegaram os primeiros povoadores? Como era a sua economia? Como era sua tecnologia? Estas e outras perguntas ainda estão sem respostas para todas as regiões do Brasil, pelo fato de terem sido feitas poucas pesquisas na área da Pré-história.

A partir dessas pesquisas e de outras que virão, o pré-historiador tentará responder às perguntas existentes sobre a pré-história brasileira, ainda um enigma para os pesquisadores. Para solucionar essas questões, a arqueóloga Gabriela Martín aponta os fundamentos básicos do estudo da pré-história do nordeste brasileiro:

Os estudo da Pré-história do Nordeste do Brasil, nos seus fundamentos básicos, pretende chegar a conhecer as origens do povoamento, as tradições culturais dos caçadores-coletores e dos agricultores, as estratégias de sobrevivência dos diferentes grupos que povoaram a região desde o fim do pleistoceno e sua evolução para o estágio agrícola, ate o contato com o europeu e o estabelecimento das missões religiosas no Nordeste².

A grande dificuldade no estudo da ocupação e evolução cultural dos primeiros povoadores está na falta de registros escritos que possam ajudar o historiador a montar a estrutura social que regeu esses grupos. Para encontrar respostas para essas perguntas os historiadores lançam mão da arqueologia, que é o estudo da **cultura material**³ deixada pelo homem. Segundo o arqueólogo Philip Ratz, a arqueologia:

Se ocupa também do ambiente em que o gênero humano se desenvolveu e no qual o homem ainda vive. Isso pode incluir fatores sobre os quais ele tem pouco ou nenhum controle, como as manchas solares, o clima e as marés; pode incluir também o modo

¹ Pré-história é “o mais longo período da história, termo universalmente aceito como período das sociedades ágrafas, tem fontes na cultura material”. MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**, p. 295

² MARTIN, Gabriela. Op. cit., p. 296

³ “Os objetos de pedra, de osso, as marcas de habitação, as alterações realizadas na paisagem; a combinação desses elementos são os indicadores da ocupação de uma determinada região. São esses elementos que subsidiam a interpretação arqueológica.” GASPAR, Maria Dulce. Os ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.).Op. cit., p.159

*como o homem, entre outros animais, transformou a paisagem, o mundo animal e, recentemente, a atmosfera, e a química do mar, dos lagos e dos rios”*⁴.

Esses ambientes que foram alterados pelo homem ou onde são encontrados vestígios⁵ de sua passagem, são os objetivos do nosso estudo. Esses vestígios podem estar sobre ou sob a superfície, em locais chamados de jazidas ou sítios arqueológicos, definidos como “qualquer localidade alterada, de algum modo, pelo homem, no passado”⁶.

Os vestígios encontrados dentro de um sítio arqueológico serão os dados arqueológicos utilizados pelos arqueólogos e historiadores na interpretação de uma cultura já desaparecida em uma determinada região. Esses dados serão os documentos históricos utilizados na pesquisa histórica, pois para Gordon Childe a “arqueologia é uma forma de história e não uma simples disciplina auxiliar”.⁷ Em vez de o historiador utilizar documentos escritos ele usará os dados arqueológicos “que constituem expressões de pensamento e de finalidades humanas e só tem interesse como tal”⁸ da cultura em estudo.

Este estudo sobre as culturas já desaparecidas apresenta uma série de obstáculos na pesquisa, principalmente na localização de sítios arqueológicos. Uma das saídas encontradas para sobrepor os obstáculos é o estudo dos aspectos folclóricos da área estudada, mas para utilizarmos os dados folclóricos devemos compreender o que estuda o Folclore.

A compreensão do estudo do Folclore ainda não está totalmente definida, pois até hoje existe um grande número de explicações para essa ciência e área cultural que ela estuda. Sobre este problema Carlos Rodrigues Brandão explica que:

*Na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma pequena parte das tradições populares. Na cabeça de uns, o domínio do que é folclore é tão grande quanto o do que é cultura. Na de outros, por isso mesmo folclore não existe e é melhor chamar cultura, cultura popular o que alguns chamam folclore. E, de fato, para algumas pessoas as duas palavras são sinônimas e podem suceder-se sem problemas em um mesmo parágrafo.*⁹

Pela explicação dada, podemos perceber que uma definição do que é Folclore não seria possível. Só se teve um consenso do que deveria ser considerado como folclore o que foi estabelecido na Carta de Folclore Brasileiro, escrita durante o I Congresso Brasileiro de Folclore. Nesta carta foi estabelecido que:

⁴ RAHTZ, Philip. **Convite à Arqueologia**, p. 09

⁵ Vestígios são todos os indícios da presença ou atividade humana em determinado local. PROUS, André. **Arqueologia brasileira**, p. 25

⁶ SANDERS, William I.; MARINO, Joseph. **Pré-história do Novo Mundo**, p. 09.

⁷ CHILDE, V. Gordon. **Introdução à Arqueologia**, p. 09

¹⁰ Ibid., p. 11

⁹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. p. 23

1. *O I Congresso Brasileiro de Folclore reconhece o estudo do Folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais, condena o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda a sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual.*
2. *Constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservados pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciados por círculos eruditos e instituições que se dedicam ou a renovação e conservação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica.*
3. *São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de grande aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente popular.*
4. *Em fase da natureza cultural das pesquisas folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturais no exame e na análise do Folclore.*¹⁰

O Folclore poderá auxiliar a pesquisa arqueológica em várias etapas da mesma, principalmente no que diz respeito a localização de sítios arqueológicos. Nos auxiliando na delimitação prévia da área a ser prospectada e também no trabalho de campo.

A pesquisa arqueológica está dividida em duas etapas principais: o trabalho de campo e o de laboratório. A primeira se caracteriza na localização e na coleta dos vestígios deixados pelo homem durante sua passagem ou estadia no local. Após a coleta e o seu devido condicionamento do material arqueológico, este será enviado para o laboratório onde serão realizadas análises no material coletado sobre seus aspectos morfológicos, tecnológicos e funcionais. Através dos dados levantados nas duas etapas da pesquisa arqueológica será feita uma interpretação da cultura do grupo ou grupos que habitaram a região.

Analisando dessa forma o trabalho arqueológico é simples e fácil de ser efetuado. Mas dentro da pesquisa arqueológica surgem vários problemas que dificultam a pesquisa. E um desses primeiros problemas, que será trabalhado nesse artigo, está na localização dos sítios arqueológicos, pois na maioria das vezes o vestígio arqueológico está sob a superfície, deixando poucos sinais de sua posição geográfica. Claro que existem vestígios visíveis ao arqueólogo, como por exemplo os registros rupestres de fácil identificação. Mesmos estes vestígios estão espalhados por uma grande área, deixando os arqueólogos nas mãos de descobertas fortuitas por parte da população local e alguma dessas pessoas por algum motivo tenha o interesse de levar informações sobre o sítio arqueológico a alguma instituição de pesquisa.

¹⁰ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. cit. p. 31

Para localizar esses sítios arqueológicos, o arqueólogo tentará identificar sinais que indiquem a provável região em que o sítio esteja localizado. Esta localização pode ser feita de várias maneiras: esperando a informação de populares, pesquisando cronistas e viajantes que deixaram relatos escritos, buscas aleatórias por parte do arqueólogo ou realizando uma pesquisa da toponímia.

Antes de ir ao campo na busca de sítios arqueológicos, o arqueólogo deverá realizar uma pesquisa da bibliografia da região. Procurar se alguém já trabalhou naquela região e publicou os resultados do trabalho, os relatos de cronistas e viajantes, como também nos mapas da região que possam apresentar topônimos carregados de informações sobre estações arqueológicas, pois “alguns nomes de lugares falam por si próprios.”¹¹ Este estudo da toponímia “abre por vezes à arqueologia novos horizontes”¹². Muitos desses nomes que indicam lagoas, rios, serras e outras lugares são de origem folclórica. Para se entender o que estamos dizendo, utilizaremos topônimos registrados pelo departamento de arqueologia do Museu Câmara Cascudo/UFRN que indicam sítios arqueológicos encontrados no Rio Grande do Norte.

No município de Sítio Novo existe uma serra denominada no mapa da SUDENE de Tapuia, onde temos a confirmação da existência de um sítio arqueológico “Pedra do Letreiro”, com pinturas de figuras zoomorfas (emas e lagartixas) e geométricas, de grande tamanho nas cores vermelhas (maioria) e amarela. Nesse exemplo observamos dois topônimos com origem folclóricas:

1. Tapuia: “durante muito tempo,, tapuia designou o indígena do interior o selvagem típico. A divisão sumaria e fácil era apenas tupis, pelo litoral e tapuias, pelo sertão”¹³
2. Pedra do Letreiro: “Em todos os sertões do Brasil, se encontram, nos talhados de pedra das serrotes ou nas rochas na beira dos rios, inscrições estranhas, profundamente gravadas, revelando a existência de uma pictografia anterior ao descobrimento”¹⁴

Outro sítio arqueológico que comprova a utilização do estudo do folclore é o “Lagamar dos Caboclos”, localizado no município de Grossos, litoral norte do Estado. Neste sítio constatamos a presença de vestígios arqueológicos, uma grande quantidade de cerâmica tupiguarani. O topônimo “caboclo” significa:

*O indígena, o nativo, o natural; mestiço de branco com índia; mulato acobreado, com cabelo corrido. Fazia provir de cobre, cor de cobre, avermelhado. Diz-se comumente do habitante dos sertões, caboclo do interior, terra de caboclos, desconfiado como caboclo. (...) registra a sinônima tradicional do caboclo: caburé, cabo-verde, cabra, cafuz, curiboca, cariboca, mameluco, **tapuia**, matuto, restingueiro, caipira.(grifo nosso)*¹⁵

¹¹ FÉDÉRIC, Louis. **Manual prático de arqueologia**, p. 57

¹² Ibid. p.38

¹³ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. p. 856

¹⁴ Ibid. p. 696

¹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. cit. p. 210

Após uma pesquisa prévia sobre a área escolhida, o arqueólogo irá para o campo primeiramente para confirmar os dados colhidos na pesquisa bibliográfica e toponímica. Mesmo com a confirmação dos dados, o arqueólogo deverá entrevistar os moradores locais, principalmente agricultores e caçadores, sobre a existência de mais indícios que possa levá-lo a novos sítios arqueológicos. Nesta entrevista, o pesquisador questionará a provável existência de instrumentos pré-históricos. Sabe-se da falta de conhecimento dos moradores em relação ao estudo da pré-história, deve-se direcionar as perguntas para termos que indiquem vestígios arqueológicos e ao mesmo tempo faça parte do dia a dia da população.

Os termos utilizados pela população local para identificar vestígios arqueológicos são: pedra de fogo e pedra de corisco ou de raio. Este primeiro termo refere-se as rochas mais utilizadas pelos grupos primitivos na confecção dos seus instrumentos, a calcedônia e sílex. Já o segundo termo esta relacionado a uma lenda popular, onde a pedra de corisco cai do céu como um raio e se enterra a sete palmos do chão. A cada ano a pedra sobe um palmo e no sétimo ano surge na superfície. Muitos populares utilizam essas pedra na suas casas como proteção contra raios. Estes estranhos artefatos encontrados pelos sertanejos são na verdade instrumentos de pedra polida, como machados e batedores.

Bibliografia:

1. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos, nº 60)
2. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1998. (Coleção Terra Brasilis)
3. CHILDE, V. Gordon. **Introdução à arqueologia**. 2 ed. Mem Martins(Portugal): Publicações Europa-América, 1977. (Coleção Saber).
4. FRADE, Cáscia. **Folclore**. 2 ed. São Paulo: Global, 1997. (Coleção para entender, v. 3)
5. FRÉDÉRIC, Louis. **Manual prático de arqueologia**. Coimbra (Portugal): Liv. Almedina, 1980.
6. MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.
7. PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Ed. da UnB, 1992.
8. RAHTZ, Philip. **Convite à arqueologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Série Diversos).
9. SANDERS, William T.; MARINO, Joseph. **Pré-história do Nôvo Mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.